

Metamodelos de linguagem e modelos de indução de Milton Erickson: possibilidades de análise para rastreamento de ideologias e crenças

Fernando Simões Antunes Junior*

Resumo

O presente artigo pretende revisar interfaces entre os Metamodelos de Linguagem, de Bandler e Grinder (2002), e os Modelos de Indução de Milton Erickson, compilados por O'Connor e Seymor (1990), enquanto possibilidades metodológicas para análises discursivas de mensagens de duplo vínculo em materiais midiáticos. Para demonstrar tais interfaces, são analisados fragmentos textuais de uma reportagem jornalística veiculada no *site* do jornal Correio do Povo em 2016. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza aplicada. Por ter um caráter revisional, usam-se os procedimentos técnicos de revisão bibliográfica e análise documental. Os resultados mostram que tantos os metamodelos quanto os modelos de indução dão pistas ideológicas sobre as construções narrativas das reportagens analisadas.

Palavras-chave: Comunicação. Pensamento sistêmico. Discurso. Metamodelos de linguagem. Modelos de indução.

Introdução

Questionar os impactos da mensagem midiática na mente dos indivíduos tornou-se um dos temas centrais da corrente teórica mundialmente reconhecida como Pensamento Sistêmico. Em tese doutoral, defendida em 2016, abordei o assunto sob a perspectiva da Escola de Palo Alto, na Califórnia, na qual o antropólogo Gregory Bateson (1987) desenvolveu a famosa teoria do duplo vínculo ou teoria da dupla mensagem (ANTUNES JUNIOR, 2016).

* Graduado em Jornalismo (2002), mestre em Comunicação Social pela PUCRS (2009), doutor em Comunicação Social também pela PUCRS (2016) e pós-doutorando em Processos e Manifestações Culturais pela Feevale (2017). Ligado à linha de pesquisa Linguagens e Processos Comunicacionais da Feevale, também é membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Emoção e Conflito (GPCEC/CNPq) da PUCRS. E-mail: feuantunes@gmail.com

Data de submissão: ago. 2019 – Data de aceite: out. 2019

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v15i3.9634>

A concepção de Bateson desvela um dilema da comunicação humana, no qual indivíduo (ou grupo) recebe, transmite ou compactua de duas ou mais mensagens conflitantes, em que uma nega a outra. Segundo Geraldi, Benites, Fichtner (2006), o duplo vínculo ocorre quando a pessoa não consegue enfrentar o dilema inerente e, portanto, não pode resolvê-lo nem sair da situação.

Duplos vínculos são frequentemente utilizados como uma forma de controle sem coerção declarada. Na sociedade ocidental capitalista, compartilhamos de crenças e valores de duplo vínculo desde o nascimento. Quando analisadas, revelam incoerências que explicam a abismal dissonância cognitiva entre discursos e práticas da vida política, cultural e intelectual em que vivemos na sociedade de consumo. Guarde dinheiro/compre; economize/consuma; produza/usufrua; esteja na moda/seja diferente; tenha compaixão/preocupe-se com você primeiro etc. (GERALDI; BENITES; FICHTNER, 2006).

Paul Watzlawick, Beavin e Jackson (2007) aprofundou essas percepções ao conceituar a natureza paradoxal da pragmática da comunicação humana e os consequentes distúrbios e patologias sociais dela decorrentes. No jornalismo, por exemplo, que oferece filtros, mapas e modelos de percepção que acabam por generalizar, omitir ou distorcer fatos com base em um conjunto de regras, tem-se

uma poderosa fonte de crenças e diretrizes sociais de duplo vínculo.

Dois discípulos de Bateson, Richard Bandler e John Grinder (2004), fizeram um uso vivencial e experimental das teorias acerca do duplo vínculo para entender aspectos conscientes e inconscientes das relações humanas ao estabelecerem os princípios do que ficou mundialmente conhecido como Metamodelos de Linguagem. Ao se aprofundarem nesses estudos, perceberam como o inconsciente humano compactua com mensagens contraditórias ao entrarem em contato com o trabalho do famoso hipnoterapeuta Milton Erickson, cuja linguagem hipnótica resultou num compilado de estratégias retóricas chamados de Modelos de Indução.

Tanto os metamodelos de linguagem quanto os modelos de indução hoje são usados em processos terapêuticos para tratar das mais diversas psicopatologias que se originam dos “bugs” provocados pelo duplo vínculo. O desafio deste artigo, a exemplo do que foi mostrado na tese *A retórica do medo* (ANTUNES JUNIOR, 2016) é criar interfaces entre esses conhecimentos e a análise de discurso das mídias.

Para tanto, nas primeiras seções do trabalho vamos fazer uma revisão dos escritos de Bandler e Grinder (2004) acerca dos Metamodelos de Linguagem e dos escritos de Haley (1991) e O’Connor e Seymour (1990) sobre os Modelos de

Indução. Na sequência, descortinaremos brevemente a metodologia de análise de discurso e demonstraremos a aplicação das ferramentas de Palo Alto para analisar duas reportagens dos jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora*.

Esta pesquisa é de natureza aplicada e possui uma abordagem qualitativa. Por ter um caráter revisional, usam-se os procedimentos técnicos de revisão bibliográfica e análise documental. O objetivo é demonstrar se os metamodelos e os modelos de indução podem dar pistas ideológicas a partir da exposição do duplo vínculo que operam nas construções narrativas das reportagens em análise.

Metamodelos de Linguagem

O Metamodelo é o resultado do trabalho de diversos gramáticos transformacionais como Chomsky (2005), que desenvolveu um modelo lógico/formal para descrever padrões regulares no modo pelo qual comunicamos os modelos linguísticos de nossas experiências sensoriais/cognitivas. O que esses gramáticos fizeram, em verdade, foi criar um modelo formal de nossa linguagem, um modelo de nosso modelo de mundo, ou seja, um metamodelo (BANDLER; GRINDER, 2004).

Para isso, Bandler e Grinder (2004) resgatam conceitos de relações semânticas lógicas, julgamentos coerentes que

falantes nativos fazem a respeito das relações lógicas refletidas nas frases de sua língua, ou seja, inferências não sobre o conteúdo, mas sobre a forma na qual o conteúdo é transmitido, identificando como ocorre a significação de processos cognitivos na mente humana.

Quando os humanos desejam comunicar sua representação, sua experiência do mundo, formam uma representação linguística completa de sua experiência; isso se chama Estrutura Profunda. Assim que começam a falar, fazem uma série de escolhas (transformações) a respeito da forma pela qual comunicarão sua experiência. Essas escolhas, geralmente, não são conscientes. [...] Nosso comportamento, ao fazer estas escolhas é, entretanto, regular e determinado por regras. O processo de fazer essa série de escolhas (uma derivação) resulta de uma estrutura Superficial – uma frase ou sequência de palavras que reconhecemos como um grupo bem-estruturado de palavras de nosso idioma. Essa Estrutura Superficial em si pode ser vista como uma representação da representação linguística completa – a Estrutura Profunda. As transformações modificam a estrutura da Estrutura Profunda – seja eliminando ou modificando a ordem das palavras – mas, não modificam o significado semântico (BANDLER; GRINDER, 2004, p. 60).

Ou seja, Bandler e Grinder (2004) entendem que a primeira significação de uma experiência e a constituição linguística da Estrutura Profunda que a representa pode sofrer alterações pelas escolhas inconscientes de generalização, omissão e distorção que o ser humano faz para relatar a experiência através de uma Estrutura Superficial. Gráficamente

te, o processo pode ser visto no esquema da Figura 1.

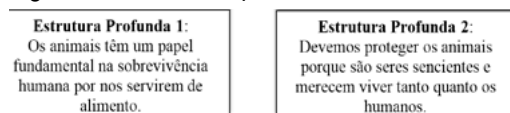
Figura 1 – Estrutura Profunda e Estrutura Superficial



Fonte: BANDLER; GRINDER, 2004, p. 60.

A ideia central dessa conceituação é de que as regras inconscientes que regem as escolhas das palavras que usamos para representar nossas experiências com o mundo geram distorções, generalizações e omissões de acordo com o mapa cognitivo dos indivíduos, promovendo uma confusão nos processos comunicativos interpessoais. Por exemplo, vamos imaginar duas Estruturas Profundas parecidas, porém diferentes em seu real significado, como mostra o esquema da figura 2.

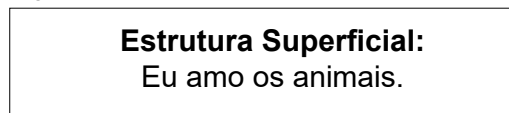
Figura 2 – Estruturas profundas



Fonte: elaborado pelo autor.

As duas frases poderiam ser representadas pela Estrutura Superficial do quadrante a seguir (Figura 3), apesar de representarem significados distintos.

Figura 3 – Estrutura superficial



Fonte: elaborado pelo autor.

Agora suponha que a Estrutura Superficial em questão seja uma mensagem de A para B, sendo que A possui em seu mapa cognitivo a Estrutura Profunda 1, enquanto B tem como verdade a Estrutura Profunda 2. A intenção de A é informar sua estrutura profunda, mas ao se utilizar de uma regra inconsciente de síntese para passar sua mensagem, faz com que B entenda a mensagem conforme a Estrutura Profunda 2.

Para desfazer as confusões e os consequentes desentendimentos provocados pelas estruturas superficiais compartilhadas entre mapas cognitivos distintos, Bandler e Grinder (2004) atribuíram um desafio a cada um dos doze metamodelos que identificaram. São perguntas que buscam desmontar as omissões, distorções e generalizações da linguagem.

Essas perguntas têm como objetivo preencher as lacunas de informação, reformular a estrutura e propiciar informações específicas para tornar a comunicação compreensível (O'CONNOR; SEYMOUR, 1990, p. 107).

Antes de estudarmos cada um dos doze metamodelos, vale lembrar que tanto a conceituação original quanto a aplicação do metamodelo foi idealizada por Bandler e Grinder (2004) para

fins terapêuticos. Porém, O'Connor e Seymour (1990) ressaltam as aplicabilidades diversas dos metamodelos como um método eficaz para desmistificar as qualidades, as deficiências e as falácias de qualquer comunicação linguística ao lembrar que a linguagem não consegue acompanhar a velocidade e a variedade do pensamento.

Na conceituação do duplo vínculo, Bateson (1987) lembra que as mesmas palavras podem ser âncoras para experiências sensoriais distintas. Da mesma forma, palavras iguais podem eliciar estados empáticos, arquetípicos e estereotipados diferentes. Por isso, o metamodelo apresenta-se como um método potencialmente eficaz para avaliar as estruturas profundas por trás das construções sintáticas e superficiais que os produtores de construtos simbólicos mediados elegem para representar suas intenções. Vejamos as especificações de cada metamodelo na sequência.

a) Sujeitos não especificados

Ocultar o sujeito da frase é um recurso comum de omissão empregado na comunicação. Dizemos por exemplo que “O carro foi lavado”, em vez de dizer “Fulano lavou o carro”. O fato de termos deixado de fora o nome da pessoa que lavou o carro não significa que ele se lavou sozinho. O lavador continua existindo. Segundo O'Connor e Seymour “este tipo

de omissão pode pressupor uma visão de mundo no qual a pessoa é um espectador e os fatos simplesmente acontecem, sem que ninguém seja responsável por eles” (1990, p.108). Portanto, o desafio deste metamodelo é descobrir quem é o sujeito não especificado, o que pode ser esclarecido com a pergunta: **“Quem ou o que exatamente...?”**

As construções frasais abaixo, onde o sujeito está oculto, exemplificam o desafio proposto:

“Eles estão me perseguindo” – *Quem exatamente está te perseguindo?*

“É uma questão de opinião” – *O que é uma questão de opinião?*

b) Verbos não especificados

Assim como a regra da omissão inconsciente pode ocultar o sujeito, também pode implicar em uma não especificação da ação por trás de um verbo. Vamos observar a seguinte frase:

“Ele me irritou”.

O metamodelo de verbos não especificados serve para descobrir como exatamente as coisas foram ou serão feitas, exigindo um advérbio que especifique o verbo, o que pode ser alcançado pelo seguinte desafio: **“De que maneira (Como) exatamente...?”**. Com isto, a frase do exemplo enfrentaria o seguinte questionamento: “Como especificamente ele te irritou?”.

c) Comparações

Comparações sem referências também são formas de omissão. A publicidade, inclusive, faz muito uso dessa regra, conforme o exemplo a seguir:

“O novo Omo é o melhor sabão para lavar roupas”.

Há uma comparação oculta no exemplo, pois algo não pode ser melhor isoladamente, sem um referencial de comparação. Qualquer construção frasal que use palavras como “melhor” ou “pior” pretende fazer uma comparação (BANDLER; GRINDER, 2004). O desafio portanto, é esclarecer o ponto de comparação com a pergunta: **“Comparado com o quê...?”**.

Em desafio ao exemplo do sabão Omo, poderíamos fazer os seguintes questionamentos: “Melhor sabão em relação a quais outros?”

d) Julgamentos

Se as comparações são omissões e generalizações que a publicidade intuitivamente utiliza em suas construções textuais, os julgamentos são tipos de omissões e generalizações frequentes no jornalismo. O exemplo da frase a seguir ilustra o metamodelo em questão:

“Segundo especialistas, um ser humano só é capaz de sobreviver quatro dias sem água ou alimentos”.

Os julgamentos são esclarecidos com a pergunta: **“Quem está emitindo esse julgamento e em que base esse julgamento está sendo feito?”** Ou seja, é útil saber quem está fazendo o julgamento e em que base específica de conhecimento ele se apoia. Diante de tal desafio, a ilusão de que “todos os especialistas” têm a mesma opinião se desfaz para especificar quem exatamente corrobora o julgamento proposto.

e) Substantivações

Quando um verbo que descreve um processo contínuo é transformado em substantivo, os linguistas chamam esse processo de substantivação. Se um substantivo não pode ser visto, ouvido, tocado, cheirado ou provado, então, é uma substantivação (BANDLER; GRINDER, 2004).

Por transformar processos em coisas, a substantivação é um padrão de linguagem extremamente enganador. Portanto, pode ser esclarecida se a transformarmos em verbo e buscarmos a informação que foi omitida perante o seguinte desafio: **“Quem está substantivando o quê? E como esta pessoa está fazendo isso?”**

Observe no exemplo a seguir os substantivos marcados em itálico:

“O ensino e a disciplina são indispensáveis na educação”.

O desafio do metamodelo de substantivação questionaria: Quem está

ensinando quem? Qual o conhecimento a ser ensinado? Quem está disciplinando quem? Como é disciplinar para essa pessoa? A quem esses processos são indispensáveis?

f) Operadores modais de possibilidade

Existem leis da natureza, como a da gravidade ou da importância do oxigênio para nossa sobrevivência. Mas existem leis, limites que são estabelecidos pelas crenças das pessoas. Seguir regras de conduta não explícitas é uma forte evidência de que o indivíduo que a segue o faz por uma crença. Os operadores modais de possibilidade definem no mapa mental do indivíduo o que é e o que não é possível fazer. As frases abaixo exemplificam esse metamodelo:

“Simplesmente não pude recusar o bolo de chocolate”.

“É impossível contar a verdade a eles”.

O desafio deste metamodelo é estabelecido pelas seguintes perguntas: **“O que aconteceria se você...?”** ou **“O que o impede de...?”**

Nos exemplos acima, poderia se questionar: “O que aconteceria se você recusasse o bolo?”, “O que o impede de contar a verdade a eles e o que aconteceria se a contasse?”.

g) Operadores modais de necessidade

Tal qual os operadores modais de possibilidade, os operadores modais de necessidade indicam limitações pelo uso de expressões como “deveria” e “não deveria”, “tenho que” e “não tenho que”, “sou obrigado a” e “não sou obrigado a”. Aqui também há uma regra de conduta não explícita (BANDLER; GRINDER, 2004). O desafio é investigar quais as consequências, reais ou imaginárias, de se quebrar essa regra. Elas vem à tona com a pergunta: **“O que aconteceria se você fizesse, ou não fizesse, isso?”**

Nos exemplos a seguir é possível ver a aplicabilidade do metamodelo:

“Devo sempre colocar os outros em primeiro lugar”. – *O que aconteceria se não colocasse?*

“Não devo falar com os homens”. – *O que aconteceria se você falasse?*

O’Connor e Seymour (1990) lembram que a simples pergunta “O que aconteceria se...?” é a base de qualquer método científico. Ao mesmo tempo, alertam sobre as consequências de não a fazer diante de uma regra limitante de conduta.

h) Quantificadores universais

Geralmente expressas por palavras como “todo”, “cada um”, “sempre”, “nunca” e “nenhum”, os quantificadores

universais são generalizações que não admitem exceções, e podem também aparecer de forma implícita em algumas frases, como por exemplo: “Petistas são mentirosos” ou “Bolsonaristas são alienados”.

Quando associados a regras e leis naturais, alguns quantificadores universais nem sempre representam um equívoco. O problema é quando, novamente, estão ancorados em crenças limitadoras do mapa cognitivo do indivíduo. Os quantificadores universais são questionados por meio do pedido de um contraexemplo: **“Já houve um momento em sua vida em que...?”**

Nos exemplos usados, o desafio diante das afirmações seriam: *“Você conhece algum petista que não seja mentiroso?”* e *“Conhece alguma pessoa que votou em Bolsonaro que não seja alienada?”*

i) Equivalência complexa

Duas afirmações de diferentes campos semânticos interligadas por um mesmo significado formam o que Bandler e Grinder (2004) nomearam de equivalência complexa, a síntese das mensagens de duplo vínculo.

“Você não me liga todos os dias. Não me ama o suficiente”.

A equivalência complexa geralmente ocorre pela imposição do próprio mapa do falante ao ouvinte, quando há uma generalização da própria experiência

para explicar a experiência do outro. A equivalência complexa pode ser desafiada pelo questionamento: **“De que maneira (como) isto significa aquilo?”**.

No exemplo utilizado poderia ser usada a pergunta *“Como que eu não te ligar todos os dias significa que eu não te amo?”*

j) Pressuposições

Todos os indivíduos possuem crenças e expectativas construídas a partir de suas experiências pessoais, formando pressuposições inferenciais. Pressuposições limitadoras sempre trazem a tona perguntas que começam com “Por que...?” A frase “Por que você não cuida de mim?” pressupõe que você não está cuidando de alguém adequadamente.

Frases que contêm expressões ‘desde que’, ‘quando’, e ‘se’ geralmente englobam uma pressuposição. O mesmo acontece com o complemento que vem após os verbos ‘perceber’, ‘dar-se conta’, ‘estar consciente’ ou ‘ignorar’ [...] (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.117).

As pressuposições permitem inferências, como demonstram os exemplos abaixo:

“Quando ele ficar mais esperto vai entender isto” - (ele não é esperto).

“Você vai me enrolar de novo?” - (você já me enrolou outras vezes).

As pressuposições podem ser desafiadas pela pergunta: **“O que o leva a acreditar que...?”**.

Nos exemplos utilizados, poderiam ser usadas as perguntas “*O que te leva a acreditar que ele não é esportista?*” e “*O que te leva a acreditar que eu já te enrolei outras vezes?*”

k) Relação de causa e efeito

A lei de causa e efeito também se faz presente nas generalizações e distorções inconscientes da linguagem ao transferir esta relação para as construções frasais que resultam de simplificações grosseiras. Dizer que “A luz do sol faz as flores crescerem” é uma maneira simplificada de expressar uma relação bem mais complexa. Pensar somente nas causas não explica nada, apenas abre caminho para a pergunta **Como?**

A seguir, dois exemplos de frases com este tipo de distorção:

“Ele me irrita”.

“Fiquei contente porque ela sorriu”.

A conjunção “mas” muitas vezes também pressupõe a relação de causa e efeito, pois introduz uma razão para limitar uma ação, como nos exemplos a seguir:

“Eu até estudaria com você, mas estou muito cansado”.

“Eu tiraria uma folga, mas os negócios ficariam prejudicados sem mim”.

O’Connor (1990) explica que existem dois níveis de questionamento da relação de causa e efeito. Os desafios são: **“Como exatamente isto causa aquilo?”** ou **“O que precisaria ter acontecido**

para que isso não tivesse causado aquilo?”. Para questionar a crença por trás da relação de causa e efeito, o desafio seria: **“Como exatamente você se deixa sentir ou reagir dessa maneira ao que viu ou ouviu?”**

Diante do exemplo “Ele me irrita”, as perguntas ficariam: “Como exatamente ele te irrita?”, ou ainda “Como exatamente você se deixa irritar por ele?”. Isso devolve a ideia de que a pessoa tem alguma escolha e não é um ser passivo.

l) Leitura da mente

Pressupor saber o que o outro está pensando é uma distorção, uma resposta intuitiva a alguma pista não verbal que é observada numa situação de comunicação.

Às vezes, é alucinação pura, ou aquilo que nós mesmos pensaríamos ou sentiríamos naquela situação. Projetamos nossos próprios pensamentos e sentimentos inconscientes, vivenciando-os como se eles tivessem partido da outra pessoa. É sempre o avarento que acha que os outros não são generosos. As pessoas que leem a mente geralmente acham que estão certas, mas isso nem sempre é verdade. Por que tentar adivinhar se podemos perguntar? (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.119).

Existem dois tipos de leitura da mente. No primeiro a pessoa presume saber o que a outra pensa, como no exemplo “Cláudia está deprimida”. O’Connor e Seymour (1990) partem do pressuposto de que é preciso ter bons indícios senso-

riais para atribuir pensamentos, sentimentos e opiniões a outras pessoas. Ao invés de dizer “Cláudia está deprimida”, seria mais apropriado dizer “*Cláudia está olhando para baixo e à direita, seus músculos faciais estão soltos e sua respiração está acelerada. Os cantos de sua boca estão virados para baixo e seus ombros estão caídos*”.

O segundo tipo de leitura da mente é como um espelho do primeiro, pois dá aos outros o poder de ler a nossa mente com o intuito de culpá-las por não compreenderem o que pensamos ou sentimos. Por exemplo:

“Se ela me amasse saberia que eu não gosto de ficar sozinho”.

A maneira de questionar a leitura da mente é: **“De que maneira exatamente você sabe como a outra pessoa está se sentindo?”** ou, no caso da leitura da mente espelhada, **“De que maneira exatamente eu (ou tal pessoa) deveria saber o que você está pensando?”**. Para a frase do exemplo supracitado exposto o desafio seria *“Como o fato de ela te amar faria ela saber que você não gosta de ficar sozinho?”*

Os modelos de indução de Milton Erickson

O’Connor e Seymour (1990) relatam que Gregory Bateson ficou muito empolgado quando viu o resultado dos estudos

de Bandler e Grinder que originaram os metamodelos de linguagem. Diante do potencial de aplicabilidade tanto para fins terapêuticos quanto para os estudos que desenvolvia em comunicação, Bateson teria sugerido que os discípulos fossem até Phoenix, no Arizona, entrevistar um terapeuta descrito por ele como “brilhante” e ao mesmo tempo “um senhor estranho”, o qual poderia agregar novos horizontes às pesquisas dos pupilos.

O “estranho” em questão era Milton Haley Erickson, amigo próximo de Gregory Bateson durante mais de 15 anos e “considerado por Zeig como o maior comunicador do mundo” (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.127). Sem hesitar, Bandler e Grinder foram modelar o trabalho de Erickson em 1974, quando esse já estava consagrado como o maior hipnoterapeuta de todos os tempos.

John Grinder disse que Erickson foi seu modelo mais importante, por ter aberto a porta não só para uma realidade diferente, mas para toda uma classe diferente de realidades. Seu trabalho com o transe e com os estados alterados de consciência era surpreendente, causando uma profunda reformulação no pensamento de John (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p. 127).

O conhecimento sobre “estados alterados de consciência” adquirido por Bandler e Grinder (2004) fez com que reformulassem seus estudos, pois perceberam que enquanto o metamodelo referia-se a significados específicos, a

metodologia de Erickson usava uma linguagem propositalmente vaga, para que seus clientes pudessem atribuir os significados mais apropriados para eles ao que era dito. “Essa maneira de utilizar a linguagem ficou conhecida como Modelo Milton, um modelo que se opõe e ao mesmo tempo complementa a exatidão do metamodelo” (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p. 128).

Famoso por revolucionar processos de hipnose para a terapia, Erickson conseguiu desenvolver suas teorias pela observação dos comportamentos humanos. As formas como os indivíduos se comunicavam uns com os outros, com padrões de linguagens verbais, sonoros e corporais, desde cedo eram captados pelo olhar atento de Erickson. Muito rapidamente, Erickson percebeu que um clima emocional compartilhado gerava empatia entre ele e seus pacientes, o que os deixavam suscetíveis a sugestões de duplo vínculo.

Jay Haley (1991), discípulo de Erickson que compilou suas ideias no livro *Terapia não-convencional*, afirma que, diferente de muitos terapeutas da época, que entendiam o processo hipnótico como algo fora da vida cotidiana, Milton Erickson percebia que a hipnose é um tipo de comunicação comum entre pessoas, a ponto de não saber afirmar com precisão que tipo de comunicação é hipnótica e qual não é.

Bandler e Grinder (2004) perceberam que Erickson usava as regras inconscientes de generalização, omissão e distorção para fazer justamente o oposto do que faz o metamodelo, sugestionando o surgimento de pressuposições, julgamentos e equivalências complexas que favorecessem os processos terapêuticos de seus pacientes, de forma que pudesse induzi-los a uma resignificação de crenças.

Como esta pesquisa parte do pressuposto de que a comunicação midiática tem o poder de formar e resignificar crenças, o modelo Milton apresenta-se como uma boa teorização sobre como esse processo pode ocorrer pela linguagem. Basicamente, o fenômeno da sugestão do Modelo Milton se dá pela distração da parte consciente enquanto joga-se uma segunda informação direto ao inconsciente, da mesma forma como operam as metáforas (HALEY, 1991).

Fazendo o caminho inverso à desconstrução proporcionada pelos metamodelos, Milton Erickson colocava seus pacientes em estados alterados de consciência utilizando um padrão de linguagem que evocava as regras de construção linguística do inconsciente. Seu objetivo, no entanto, era usar todo o potencial desta parte da mente a favor dos clientes. A seguir, está exposta uma sequência de linguagem indutiva para relaxamento que segue o modelo Milton, e que claramente percorre o caminho inverso ao dos metamodelos:

Respire fundo. (*Sujeito Não Especificado*)

Relaxe. (*Verbo Não Especificado*)

Perceba como tudo fica mais fácil neste estado. (*Comparações e Julgamentos*)

Você talvez se pergunte como é ficar relaxado. (*Leitura da Mente*)

Aos poucos, o relaxamento toma conta de você. (*Substantivação*)

E me pergunto como você se sentiria se pudesse relaxar ainda mais (*Operadores Modais de Possibilidade e Necessidade*)

E então sente cada músculo e cada célula do seu corpo relaxarem. (*Quantificadores Universais*)

A medida que se sente mais relaxado, mais profunda fica sua respiração. E quanto mais profunda sua respiração, mais relaxado você fica. (*Equivalência Complexa*)

E agora neste estado de relaxamento profundo, talvez já consiga entender porque certas coisas estão acontecendo com você. (*Pressuposições*)

E este entendimento trará tranquilidade a você. (*Relação de Causa e Efeito*)

As palavras de transição “e”, “enquanto”, “a medida que”, “durante” e “quando” servem para ligar as várias

afirmações e por isso se classificam como uma forma leve de indução por relação de causa e efeito. Além dos recursos de linguagem que se opõem diretamente aos doze metamodelos, Erickson ainda tinha outros estratagemas de fala que utilizavam as mesmas regras inconscientes de omissão, generalização e distorção para provocar estados de transe (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990). Muitos desses estratagemas são facilmente percebidos na construção de discursos midiáticos, principalmente em discursos publicitários e jornalísticos.

O primeiro deles é a *Marcação Analógica*, construção frasal que dá ênfase a algumas palavras, seja em um discurso falado ou escrito, para construir uma mensagem que vá direto ao inconsciente. Como no exemplo: “**Abra a felicidade. Beba uma Coca-Cola!**” As palavras destacadas em negrito, segundo os modelos de indução, jogam um comando direto ao inconsciente.

Outra forma bastante usada na mídia é o que Erickson chama de *Comandos Embutidos*, que é colocar um comando ao inconsciente embutido em uma construção frasal mais complexa. Enquanto a totalidade da frase ocupa o processamento consciente, o comando embutido cai direto no inconsciente, como no exemplo que segue: “É importante que você **se sinta confortável** à medida que relaxa”. As palavras em negrito são um

comando direto simples a ser captado pela parte inconsciente da mente.

Atribuir *Citações* a outras fontes para despersonalizar um conceito ou regra com fins de dar credibilidade a certas crenças também era um recurso utilizado por Erickson e que hoje é bastante utilizado nos meios de comunicação de massa, principalmente no jornalismo. A frase “Especialistas dizem que a internet está criando relacionamentos mais distantes” poderia ser a manchete de uma revista, por exemplo. A parte consciente cria menos resistência quando a ideia vem de uma fonte indireta, e o inconsciente acaba comprando a ideia de forma mais rápida (HALEY, 1991).

Quando queria saber algo de forma mais indireta sem perder a empatia de seus clientes, Erickson, tal qual o fazem hoje alguns apresentadores de TV, colocava *Perguntas Embutidas* em afirmações, pois sabia que, de uma maneira geral, as pessoas tendem a responder. Como no exemplo: “Estou curioso para saber o que você veio fazer aqui hoje!”.

Conhecedor da inabilidade do inconsciente para compreender a palavra “não” (HALEY, 1991), Erickson também recorria a um *Comando Negativo* para induzir seus clientes a uma resposta afirmativa. Como na frase a seguir: “Não é necessário resolver esta angústia agora”, ou, no caso de um discurso midiático, “O consumidor não precisa se preocupar com o aumento da gasolina”.

A *Utilização e Incorporação* de eventos do meio ambiente também é uma estratégia de indução frequente no Modelo Milton e também nos construtos simbólicos da mídia. Milton Erickson usava este recurso em frases como “E mesmo o bater da porta pode fazer você relaxar ainda mais...”. Na mídia, uma reportagem sobre o verão pode construir uma frase da seguinte forma: “O calor do verão é ideal para relaxar e beber uma caipirinha bem gelada na beira da praia”.

O que Bandler e Grinder (2004) batizaram de *Postulados de Conversação* no Modelo Milton trata-se de perguntas que literalmente exigem apenas um sim ou não como resposta e, no entanto, provocam uma reação. A pergunta “Você consegue levar o lixo para fora?”, por exemplo, não é uma pergunta literal sobre sua capacidade física de executar a tarefa, mas sim um pedido para que você a execute (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990). No discurso publicitário, encontramos este mesmo recurso em frases como “E você? Já pediu seu BigMac hoje?”

Por fim, a *Interrupção de um Padrão Comportamental* também permite um paralelo interessante entre as técnicas de Milton Erickson e o discurso midiático. Consiste em interromper um padrão comportamental abruptamente e dar um comando. Numa situação em que o paciente começa a chorar em um estado de transe, dar um comando do tipo “agora se acalme e relaxe” tende a fazer

o inconsciente desligar os dispositivos emotivos que estão provocando aquela reação (HALEY, 1990). No jornalismo televisivo, este padrão é frequentemente utilizado pelos apresentadores quando querem mudar o estado emotivo do espectador, principalmente em transições de uma pauta para outra, como no recorte a seguir: “...o carro vinha em alta velocidade quando capotou na BR 116 e cinco pessoas morreram. E agora vamos aos esportes! O atacante Neymar brilhou mais uma vez na vitória do Brasil contra os Estados Unidos”.

Diante dos exemplos expostos, podemos concluir que os Modelos Milton permitem duas inferências fundamentais para este trabalho. A primeira é a de que é possível colocar pessoas em estados alterados de consciência, mais suscetíveis a sugestões externas e mensagens de duplo vínculo, de forma articulada e estruturada pelo uso da linguagem. A segunda é que o fascínio e aceitação das massas pelo discurso midiático propagado nos diversos meios de comunicação social podem ser como o são, ao menos em parte, por causa de padrões de linguagem indutivos como os apresentados pelo Modelo Milton.

O'Connor e Seymour (1990) relacionam os modelos de indução ao uso de *Metáforas*. Segundo eles, Erickson sabia que a mente inconsciente gosta das relações análogas e comparativas estabelecidas pela metáfora, cujo primeiro nível,

mais literário, distrai a parte consciente, enquanto outros subníveis, carregados de comandos e mensagens, ativam a procura do inconsciente por significados.

O recurso das metáforas, tal qual os modelos de indução de Milton Erickson, são amplamente utilizados pelos meios de comunicação ao estabelecer relações entre vivências arquetípicas e personagens estereotipados para induzir emoções e significações complexas que resultarão em relações de duplo vínculo no crençário coletivo. A seguir, serão demonstrados como a categorização apresentada pelos metamodelos de linguagem e pelos modelos de indução podem servir a análises de discursos midiáticos.

Duplo vínculo em análise

Para entender como os meios de comunicação de massa operam na formação de crenças e do mapa cognitivo do sujeito, tendo em vista as interfaces até aqui estabelecidas, identificar no discurso midiático operadores retóricos que estabeleçam mensagens de duplo vínculo, nos leva, inevitavelmente, a optar pela metodologia de análise de discurso para tal fim (ORLANDI, 1990). Segundo Manhães (2012), tal metodologia permite a desconstrução de um texto em discursos, de forma a desmontar para perceber como foi montado.

A desconstrução leva-nos, assim, a identificar a pessoa que ocupa a posição de sujeito da ação. Quem fala? Que posição ocupa diante do interlocutor? Pragmaticamente, o que objetiva? Está pedindo ou está ordenando? O que ele está fazendo com as palavras? (MANHÃES, 2012, p. 312).

Como estamos em busca de indícios que evidenciem mensagens de duplo vínculo, cujas categorias de análise estabelecemos nas seções anteriores, por óbvio estamos em busca dos atos de fala locutórios, que são as estruturas lógicas carregadas das intenções do autor, ilocutórios, que se relacionam ao contexto, e dos perlocutórios, relacionado à *performance*, como explica Manhães.

Se os atos locutórios acontecem sempre em situações sociais concretas e a interação do locutor/receptor é uma ação simbólica e social, a emissão de uma proposição linguística tem o sentido semântico interfaciado por intenções políticas, ideológicas, religiosas e pessoais. Porque se comunica, o sujeito, concomitantemente, realiza uma *performance*, representa papéis sociais, realiza atos perlocutórios (MANHÃES, 2012, p. 313).

Convergindo às hipóteses desta pesquisa, de que existe um fundo ideológico que implica nas mensagens de duplo vínculo, foi selecionado um objeto de análise oriundo do jornalismo. A reportagem em questão, que poderia ser considerada como “meramente informativa”, foi uma das mais citadas como sendo “amendrontadoras” pelos participantes de uma pesquisa realizada em 2016 para o processo de doutoramento do autor. A matéria publicada no portal do Correio

do Povo no dia 23 de março de 2016, cujo título é “**Desemprego no Brasil volta a subir e chega a 8,2%, indica IBGE**” (Figura 4), nos servirá de análise para as interfaces propostas neste artigo.

Historicamente o desemprego tem uma conotação de “ameaça” no imaginário coletivo brasileiro. A palavra desemprego é um substantivo abstrato, que não pode ser tocado, tampouco pode “subir” ou “descer”, o que caracteriza um nível metafórico na construção da frase (HALEY, 1991). Ao afirmar que o desemprego “**subiu**”, o discurso não especifica em comparação ao que especificamente, caracterizando o metamodelo de “Comparações” (BANDLER; GRINDER, 2014).

Figura 4 – Screenshot desemprego aumenta

Desemprego no Brasil volta a subir e chega a 8,2%, indica IBGE

Em fevereiro havia 2 milhões de pessoas desocupadas no País



Desemprego no Brasil volta a subir e chega a 8,2%, indica IBGE | Foto: André Avila / CP Memória

Fonte: Correio do Povo (2016).

A linha de apoio que acompanha o título da manchete informa que “**Em fevereiro havia 2 milhões de pessoas**

desocupadas no País”, o que atribui uma dimensão a ameaça do desemprego. Na sequência, o primeiro parágrafo apresenta dados numéricos que dimensionam a informação metafórica do título.

A taxa de desocupação para o conjunto das seis principais regiões metropolitanas do País analisadas pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME) subiu 0,6 ponto percentual de janeiro para fevereiro, quando fechou em 8,2% da população economicamente ativa (percentual de pessoas desocupadas). Os dados da PME foram divulgados nesta quarta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e indicam que, em relação a fevereiro de 2015 (5,8%), a taxa subiu 2,4 pontos percentuais (CORREIO DO POVO, 2016).

A quantificação do desemprego atribuída ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) corresponde ao modelo de indução por “citações” (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990; HALEY, 1991). Nos parágrafos subsequentes, mais números dimensionam o “aumento da ameaça do desemprego”, ao mesmo tempo em que estabelecem relação de proximidade ao revelar onde foram feitos os levantamentos, como mostra o bloco textual a seguir.

O levantamento envolveu São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre. Segundo o IBGE, em fevereiro deste ano a população desocupada fechou em 2 milhões de pessoas, crescendo 7,2% em relação a janeiro - mais 136 mil pessoas. Em relação a fevereiro de 2015, no entanto, o crescimento do número de pessoas desempregadas chegou a 39%, o que significa que mais 565 mil pessoas ficaram sem ocupação.

Já a população ocupada do país fechou fevereiro em 22,6 milhões de trabalhadores para o conjunto das seis regiões metropolitanas pesquisadas, neste caso apresentando declínio tanto na comparação mensal (-1,9%, ou menos 428 mil pessoas); quanto em relação a fevereiro de 2015 (-3,6%, ou menos 842 mil pessoas) (CORREIO DO POVO, 2016).

O “aumento da ameaça” estabelece um contexto no qual a generalização “**milhões de pessoas**” revela a existência de “vítimas” com as quais o leitor tende a se identificar por empatia. Ao mesmo tempo, a não especificação das causas do fenômeno (como que x significa y ?), e tampouco dos seus autores (quem ou o que especificamente está provocando desemprego?), caracterizam os metamodelos de linguagem chamados de “equivalência complexa” e “sujeitos inespecíficos”, respectivamente, o que induzem o leitor a uma incompreensão e distanciamento do fenômeno (BANDLER; GRINDER, 2004).

Os elementos de aproximação e distanciamento que a análise identifica por meio dos metamodelos de linguagem carregam implícitos dúbios, o que caracterizaria a mensagem de duplo vínculo da reportagem (BATESON, 1987). A ausência de uma contextualização socio-histórica, comum em reportagens e matérias jornalísticas desse tipo, acabam por agravar a dissonância cognitiva e as patologias sociais decorrentes desse tipo de mensagem (WATZLAWICK, 2007). A reportagem, ao transformar o fenômeno

do desemprego em números, segue uma das premissas da ideologia dominante capitalista, que sobrepõe valores econômicos acima de valores éticos e morais.

Considerações finais

Nas primeiras seções do presente estudo, procurou-se entender o conceito de duplo vínculo estabelecido por Gregory Bateson (1987) para explicar as condições associativas e dissociativas que a sociedade ocidental capitalista estabelece ao criar narrativas midiáticas. À luz de tais premissas, revisamos os escritos de autores da Escola de Palo Alto como Bandler e Grinder (2004), que conceituaram os Metamodelos de Linguagem, e de Haley (1991) e O'Connor e Seymour (1990), que versam sobre os Modelos de Indução de Milton Erickson. Tal exercício nos forneceu ferramentas de análise capazes de identificar mensagens de duplo vínculo e seus rastros ideológicos na reportagem analisada do Correio do Povo, com potenciais efeitos de formação e/ou ressignificação de crenças.

Por ser de natureza aplicada e sugerir uma abordagem qualitativa do material analisado, o artigo permitiu demonstrar que os metamodelos e os modelos de indução são categorias aplicáveis em análises de discurso para identificar pistas ideológicas a partir da exposição do duplo vínculo que operam nas construções narrativas em análise.

Se os chamados duplos vínculos são realmente utilizados como forma de controle, como sugere Bateson (GERALDI, 2006), as análises aqui expostas reforçam a hipótese de que o jornalismo é um mecanismo a serviço das ideologias dominantes para estabelecer e sustentar relações de dominação.

Os metamodelos de linguagem e os modelos de indução mostram-se também como um bom referencial de avaliação da linguagem midiática, pois apresentam desafios e questionamentos que ajudam na desconstrução de falácias e engodos retóricos que possam surgir de um discurso construído para encantar o inconsciente ao mesmo tempo em que atropela a lógica e a razão.

Metamodels of language and Milton Erickson's Induction Models: Possibilities for Analysis to Trace Ideologies and Beliefs

Abstract

This paper intends to revise interfaces between Bandler and Grinder (2002) Language Metamodels and Milton Erickson's Induction Models, compiled by O'Connor and Seymour (1990), as methodological possibilities for discursive analysis of double messages link in media materials. To demonstrate such interfaces, we analyze textual fragments of a journalistic report published on the website of the Correio do Povo newspaper in 2016.

This is a qualitative and applied research. Because it has a revisional character, the technical procedures of bibliographical revision and documentary analysis are used. The results show that both the metamodels and the induction models give ideological clues about the narrative constructions of the analyzed articles.

Keywords: Communication. Systemic thinking. Speech. Metamodels of language. Induction models.

Referências

- ANTUNES JUNIOR, Fernando Simões. *A retórica do medo: uma análise neurolinguística da mídia*. 309 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM – PUCRS), 2016. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7000?mode=full>>. Acesso em: 18 fev. 2018.
- BATESON, Gregory. *Natureza e espírito: uma unidade necessária*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- BANDLER, Richard e GRINDER, John. *A estrutura da magia*. São Paulo: Summus, 2004.
- BENETTI, Marcia. *A análise de discurso como método de pesquisa em comunicação*. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 235-256
- CHOMSKY, Noam. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. São Paulo: UNESP, 2005.
- CORREIO DO POVO. *Desemprego no Brasil volta a subir e chega a 8,2%, indica IBGE*. 2016. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Economia/2016/3/582637/Desemprego-no-Brasil-volta-a-subir-e-chega-a-8,2,-indica-IBGE>>. Acesso: 29 jun. 2019.
- FERRÉS, Joan. *Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- GERALDI, João Wanderley; BENITES, Maria; FICHTNER, Bernd. *Transgressões convergentes: Vigotski, Bakhtin, Bateson*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.
- HALEY, Jay. *Terapia não-convencional: as técnicas psiquiátricas de Milton H. Erickson*. São Paulo: Summus, 1991.
- LARÈDE, Jean. *Além da razão: o fenômeno da sugestão*. São Paulo: Ibrasa, 1984.
- MANHÃES, Eduardo. *Análise de Discurso*. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2. ed. – 6. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2012. p. 305-315.
- O’CONNOR, Joseph; SEYMOR, John. *Introdução à programação neurolinguística*. São Paulo: Summus, 1990.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1990.
- PEARLS, Fritz. *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Cultrix, 2007.